

PIO BAROJA

SANTIAGO DO CHILE, maio (Pela Panair do Brasil) — Santiago del Campo, que tem publicado excelentes entrevistas literárias, conta em "El Mercurio" a visita que fez em Madri ao velho Pio Baroja.

Descreve-o de boina e cachecol — "o rosto de nariz largo, orelhas grandes, a pele clara como que envernizada pelo amarelo do tempo — com zonas avermelhadas, tersa em certa porção das faces — está emoldurado pelo cabelo hirsuto, alvo, que continua até as barbas curtas e cerradas. A boca se move oculta sob um bigode revólto que lhe dá um ar de cãozinho pequinês. Na testa, cinco rugas grandes e duas pequenas são como a antessala dos olhos claros, curiosamente ingênuos. Olhos de homem solteiro — penso eu, sem saber porque —; olhos de misógno, com o resplendor intacto de uma meninice mantida durante 83 anos".

Baroja começa a falar, e quase tudo que diz é intercalado de uns — "yo no sé" — que são como pontos de apoio para seu raciocínio. Fala de si mesmo:

"— Eu não sei. O que sou é um pobre velho que não se lembra muito do que fez. Um velho com muito pouca sorte, que escreveu livros que ninguém lê. Fizeram-me estudar medicina no lugar de pintura. Meus dois irmãos maiores foram inscritos em uma Academia de Arte; imagino que meus pais fizeram isso por aquela idéia antiga de que os filhos mais velhos devem ter uma educação mais fina. A mim me tocou a medicina: ou seja, as enfermidades, a dor das pessoas, a morte dos outros. Isso faz com que alguém fique mais sincero, mas também mais duro; mais perto da verdade, mas com menos ilusões. Não sei se você sabe que tive uma padaria na aldeia de Cestona. Médico e padeiro: sangue e farinha. O pranto dos que sofrem e o alimento dos pobres. Não sei, mas um médico padeiro é um pássaro estranho; e ainda mais se se dedica a escrever livros."

Mais adiante fala de pintura; gosta principalmente dos primitivos e dos impressionistas; de Picasso diz que "tem talento, mas não é sério". Conta: "Tenho muita pena de ter sido tão pobre naqueles dias de Paris de 60 anos atrás, quando os quadros de Sisley e de Van Gogh valiam menos de mil francos. Ninguém os queria. Eu olhava aqueles quadros surpreso, e eles me agradavam fabulosamente. Agora me dizem que valem milhões. Não tive sorte".

Conta outra história em que não teve sorte: uma mulher, casada com engenheiro, "guapa, muy guapa", que ele conheceu em San Sebastián em 1914 e depois encontrou em Paris. "Não sei, mas não tive sorte. Deixei de vê-la. Passaram-se 6 ou 8 anos, e, um dia recebi uma carta sua de São Petersburgo. Uma carta sem assinatura. Estava na miséria seguramente, pois escrevia em um papel ordinário. Uma mulher daquelas escrevendo em um papel assim... Nunca mais tive notícias suas."

Sua vida de hoje é "uma vida de múmia". Vive com um sobrinho etnólogo, nunca sai à rua, às vezes passa tempos numa cozinha que comprou nas províncias vascas, em sua aldeia natal de Vera del Bidasoa; leva para lá seus livros e seu reumatismo... O repórter diz que se fala muito que ele vai ganhar o Prêmio Nobel. "Dizem isso. Eu digo que não: é demasiado dinheiro para um pobre espanhol."

E o repórter se lembra de uma frase de Pio Baroja: "Sou um fauno reumático, que leu um pouco de Kant."

freixo
UH 1 24
Passos 19 44
maio